

“A DEFESA DEVE SER A ALTURA DO ATAQUE”: O MOVIMENTO DE AÇÃO CATÓLICA EM LIMOEIRO DO NORTE (CEARÁ, 1930-1954)

“THE DEFENSE MUST BE UP TO THE ATTACK”: CATHOLIC ACTION GROUP IN LIMOEIRO DO NORTE (CEARÁ, 1930-1954)

Cintya Chaves¹

Resumo: Se na segunda metade do século XIX emergiram movimentos de inspirações e de ideais liberais baseados no desejo de dessacralização da sociedade, no século XX a Igreja respondeu tentando se (re)organizar nessa sociedade que se pretendia outra. Deste modo, o presente texto analisa o movimento da Ação Católica na Diocese de Limoeiro do Norte, interior do Ceará, nos anos de 1930 a 1954, tentando perceber o papel desempenhado pelo mesmo e suas implicações nas diversas dimensões sociais. Para tanto, teceram-se reflexões pautadas nos documentos dispostos no acervo do Arquivo Episcopal de Limoeiro do Norte, bem como em entrevistas realizadas a partir da metodologia da história oral, além de livros memorialísticos e Encíclicas Papais.

Palavras-chave: Ação Católica; Laicidade; República.

Abstract: If, in the second half of the 19th century, movements of inspirations and liberal ideals emerged based on the desire to desecrate society, however, in the 20th century the Church tries to (re)organize itself in this society that seeks to be another. Thus, the present text analyzes the Catholic Action group in the Diocese of Limoeiro do Norte, in the state of Ceará, from 1930 to 1954, trying to understand the role played by it and its implications to the different social dimensions. To this end, reflections were made based on the documents in the archives of the Episcopal Archive of Limoeiro do Norte, as well as through interviews carried out using the methodology of oral history, in addition to memorial books and Papal Encyclicals.

Keywords: Catholic Action; Secularism; Republic.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará. Professora Substituta da Universidade Estadual do Ceará. O trabalho é fruto de reflexões desenvolvidas na dissertação de Mestrado intitulada: **A elite política e o poder local cearense em questão: estratégias e discursos para novos espaços de atuação (1934 -1974)**. Financiada pela CAPES. E-mail: cintyachaves2@gmail.com.

Introdução

Há uma inquietação ainda atual quando se trata das relações da República com a religião. A laicidade do Estado, ou a luta para que esta se consolide, assim como aqueles que se opõem a ela integram a(s) História(s) da República Brasileira.

O trabalho propõe discutir a resposta da Igreja Católica na primeira metade do século XX, ao perder seu posto de religião oficial do Estado. Através das microrrelações estabelecidas em um município do interior do Ceará, nos propomos, sem desconsiderar as disparidades das singularidades locais, a compreender como o projeto de Ação Católica se disseminou pelos interiores do país, observando o caso de Limoeiro do Norte, Ceará.

A temporalidade se inicia em 1930 por ser o momento em que o movimento se expandiu no Brasil de maneira mais sistemática.² Não obstante, os discursos examinados só podem ser entendidos seguindo a teia que os entrelaçam a outros por eles mencionados e que datam do final do século XIX. Isso poderá ser percebido nas cartas pastorais do primeiro bispo limoeirense, que legitimou suas concepções referenciando as Encíclicas dos papas Leão XIII e Pio XI.

Desfiado o emaranhado das tessituras, o texto segue para a Ação Católica em si, finalizando o recorte em 1954 pelo fato de Limoeiro do Norte sediar um evento de cunho nacional do movimento. Entende-se que os processos de institucionalização da Ação Católica no interior do Ceará não estão descolados de uma articulação mundial mais ampla, sendo, portanto, importante retomá-los para que a discussão se torne mais inteligível ao leitor.

Vale salientar que há vastas pesquisas sobre o Ação Católica Brasileira (ACB). Os estudos têm privilegiado recortar a ação dos intelectuais ou abordar um movimento específico, por exemplo, a Liga Eleitoral Católica, os Círculos Operários Católicos, Juventude Agrária Católica³. Não obstante, aqui se tece um olhar mais geral sobre como a Igreja Católica, por meio desses movimentos, buscava garantir e preservar sua força institucional com o advento do regime republicano.

Um Movimento mundial contra a Modernidade

² MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. Trad. Heloísa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 1989.

³ Ver MUELLER, Helena Isabel. Os ativos intelectuais católicos no Brasil dos anos 1930. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 35, no 69p. 259-278, 2015. LEITE, Filipe de Faria Dias. **A constituinte de 1933: a participação da Liga Eleitoral Católica na composição da Assembleia Constituinte na região de Ribeirão Preto**. 2010. 93 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista, Franca, 2009. SANTOS, Jovelina Silva. **Círculos Operários no Ceará: instruindo, educando, orientando, moralizando - (1915-1963)**. 267 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

[...] A defesa deve ser na altura do ataque; o remédio na proporção do mal. Eis porque os Santos Padres, particularmente os Padres Pio XI e o atual Pio XII, com uma visão nítida e perfeita do momento que o mundo atravessa (...), numa palavra, organizaram **a Ação Católica, que desejamos ver, dentro em breve, fundada e difundida nesta Diocese, garantindo assim a sua grandeza e prosperidade religiosas.** [...] ⁴

Essas apreciações foram feitas pelo primeiro bispo limoieirense, Dom Aureliano Matos, em seu primeiro pronunciamento oficial aos novos fiéis de Limoeiro do Norte⁵, em 29 de setembro de 1940. Assim, na festa de sagração, o bispo discursou sobre aquilo que ele esperava, sobre a missão da Igreja, a sua percepção acerca da modernidade, da cientificidade, do urbano, do rural, o papel da família, bem como sobre o ofício de um bispo e os seus projetos pretendidos.

Não se pode esquecer que o momento pelo qual o mundo atravessava era do “contexto” de laicização do Estado proveniente da modernidade e do liberalismo, percebidos pelo Vaticano como uma propagação do mal, em virtude da perda de privilégios, tais como o reconhecimento como a religião do Estado e a perda de fiéis, já que, juntamente com o liberalismo, o protestantismo vinha ascendendo consideravelmente.

Tendo em vista essa conjuntura, o Vaticano propôs novas “estratégias” para se estabelecer no social, denominando-o de Ação Católica. Mas em que consistiu esse Projeto? E o que pretendia a Igreja com ele?

A Ação Católica, organização de apostolado leigo, foi formalizada em 23 de dezembro de 1922 na primeira encíclica do Papa Pio XI, *Ubi arcano Dei*, na qual a Igreja apresentava-se como “a única força capaz de curar a chaga do materialismo onipresente e de restabelecer as consciências na harmonia e na paz”.⁶ Pio XI aludia à instalação de um movimento de caráter mundial, ramificando-se por vários países, denominado Ação Católica: “A AC tinha, portanto, por finalidade a formação dos leigos, preparando-os para a ação política, social, econômica, cultural de transformação da sociedade segundo o Evangelho de Cristo”.⁷

A tarefa dessa entidade religiosa seria evangelizar as nações como uma “extensão do braço da hierarquia eclesiástica” e se estabelecer entre lugares e segmentos sociais antes não alcançados, a exemplo do operariado, que, para a visão da Igreja, constituía-se no principal alvo

⁴ Primeira Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos “Saudando os seus diocesanos” em 1940. Grifos nossos.

⁵ Limoeiro do Norte é um município, situado na região do Baixo Jaguaribe, (Vale do Jaguaribe) no estado do Ceará, a 201,2 km da atual capital Fortaleza. Nos anos de 1940, tinha por volta de 28 140 habitantes e celebrava a chegada de seu primeiro bispo, uma vitória das elites políticas locais, já que disputara com um município vizinho a sede do bispado.

⁶ KORNIS, Monica. Ação Católica Brasileira. In: ABREU, Alzira Alves de [et al.]. **Dicionário histórico-biográfico brasileiro Pós-1930**. Vol. I. Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: FGV; CPDOC, 2001. p. 23.

⁷ GOMES, Francisco José. Silva. Ação Católica. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; MEDEIROS, Sabrina Evangelista; VIANNA, Alexander Martins. (Org.). **Dicionário Crítico do Pensamento de Direita**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2001. p. 28-29.

da atividade comunista. Vale ressaltar que os comunistas eram percebidos pela Igreja Católica como um grupo desvirtuado, cuja influência na sociedade conduziria ao desvio dos princípios cristãos. Ante a suposta ameaça comunista, Pio XI apresentou aos bispos de diferentes países uma solicitação para estabelecer, de imediato, o movimento de Ação Católica.

No Brasil, a publicação da Carta Pastoral do recém-nomeado arcebispo de Recife e Olinda, Dom Sebastião Leme, em 1916, já revelavam reflexões semelhantes às do Papa Pio XI em sua missiva. Dom Sebastião Leme chamava a atenção, por exemplo, para a fragilidade institucional da Igreja, para a situação problemática da educação religiosa, para a carência de intelectuais católicos, para as deficiências das práticas religiosas (tidas como ignorância religiosa), para a empobrecida situação financeira e para a restrita influência política da Igreja.⁸

No entanto, as questões colocadas pelo cardeal não devem ser analisadas isoladamente. A instabilidade da Igreja naquele período remete à relação da mesma com o Estado pós-República. A retirada do artigo 5º da Constituição Imperial, que reconhecia a Igreja Católica como a religião de Estado, devido ao Decreto 119-A de 7 de janeiro de 1890, ocasionou tensões. Dessa forma, o novo regime republicano, após a sua instauração, tratou da retirada dos privilégios concedidos à Igreja Católica que figurava como uma instituição basilar do regime anterior.

Na segunda metade do século XIX, emergiram movimentos de inspirações e de ideais liberais baseados no desejo de dessacralização da sociedade. Nessa nova lógica e com o advento da República no Brasil, houve um intenso debate promovido por positivistas, maçons, socialistas e liberais sobre pontos polêmicos, como o casamento civil, o ensino laico e a administração dos cemitérios, áreas que pertenciam, sobretudo, ao domínio da Igreja e que a fundamentava socialmente. Assim, “a Igreja tinha que começar um esforço por repensar sua presença no seio de uma sociedade que se pretendia laica e plural.”⁹

Em 15 de maio de 1891, o Papa Leão XIII escreveu a Encíclica *Rerum Novarum*, sobre a condição dos operários e, nas entrelinhas, pode-se perceber o “contexto” da época:

[...] Em todo o caso, estamos persuadidos, e todos concordam nisto, de que é necessário, com medidas prontas e eficazes, vir em auxílio dos homens das classes inferiores, atendendo a que eles estão, pela maior parte, numa situação de infortúnio e de miséria imerecida. O século passado destruiu, sem as substituir por coisa alguma, as corporações antigas, que eram para eles uma protecção; os princípios e o sentimento religioso desapareceram das leis e das instituições públicas, e assim, pouco a pouco,

⁸ MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. Trad. Heloísa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 41.

⁹ REIS, Edilberto Cavalcante. Levantai-vos soldados de Cristo: a Igreja Católica no Ceará e a eleição para a constituinte de 1891. In: **Trajatos**. Revista do Programa de Pós- Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. v. 5, n. 9/10 (dez.2007). Fortaleza: departamento de História da UFC, 2007. p. 206.

os trabalhadores, isolados e sem defesa, têm-se visto, com o decorrer do tempo, entregues à mercê de senhores desumanos e à cobiça duma concorrência desenfreada. A usura voraz veio agravar ainda mais o mal. Condenada muitas vezes pelo julgamento da Igreja, não tem deixado de ser praticada sob outra forma por homens ávidos de ganância, e de insaciável ambição. A tudo isto deve acrescentar-se o monopólio do trabalho e dos papéis de crédito, que se tornaram o quinhão dum pequeno número de ricos e de opulentos, que impõem assim um jugo quase servil à imensa multidão dos proletários . [...].¹⁰

Nota-se a crítica do Papa às relações de trabalho capitalista e às concepções liberais que regiam a sociedade hodierna. O eclesiástico fez menção ao sistema feudal, ou seja, às corporações de ofício em que “patrão” e “empregado”, isto é, os mestres, os oficiais e os aprendizes estabeleciam relações de “amizade”, o que, como consequência, assegurava proteção ao subordinado. Por meio de uma construção idílica do passado, o Papa Leão XIII desqualificou o seu presente ao atribuir aos ideais liberais o infortúnio e a miséria imerecida que os trabalhadores viviam neste novo mundo contemporâneo. Há uma crítica ao Estado laico, à ausência do sentimento religioso nas leis, e isso teria gerado um trabalhador desamparado. O que se almejava demonstrar é que o anterior vínculo da Igreja com o Estado amenizaria tais problemáticas da esfera social.

Segundo Mainwaring, “[...] entre 1890 e 1916 a Igreja se preocupou sobretudo com a consolidação de reformas internas, mas alguns líderes começaram a promover uma presença mais marcante na sociedade [...]”.¹¹ Assim, esses anos no Brasil foram marcados por adequações institucionais diante da República laica. O autor se reporta à nomeação de Dom Sebastião Leme, em 1916, como um marco que insere a Igreja em um novo contexto social denominado de “Neocristandade; cenário no qual a Igreja carecia de cristianizar as principais instituições sociais, ampliar um quadro de intelectuais católicos e alinhar as práticas religiosas populares aos procedimentos ortodoxos”.¹² No entanto, embora os ideais do cardeal fossem prévios, esse “modelo” viria a desabrochar somente na década de 1920, atingindo seu ápice de 1930 a 1945, na era Vargas, como destaca Mainwaring.

A década de 1920 foi justamente o período no qual o Vaticano concebeu a Ação Católica. Essa visão de Igreja fora também contemplada por Sebastião Leme, que, a *posteriori*, assumiria como arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro, de 1921 a 1942, e, em nível nacional, como dirigente máximo da ACB. Essa prática efetivou, por assim dizer, a saída do bispo Sebastião Leme das “paredes do templo”, levando a Igreja a adotar, de outra forma, novas

¹⁰ XIII, LEÃO. **Encíclica Papal Rerum Novarum, 15 de maio de 1891.** Disponível em: <www.papalencyclicals.net/.../P11ARCAN.HTM>. Acesso em: 28 abr. 2010.

¹¹ MAINWARING, Scott. *Op. cit.*, p. 42.

¹² *Idem*, p. 41.

alianças com o Estado para defender os interesses católicos, constituindo, assim, um período de restauração de sua influência na sociedade, agora leiga.

Assim sendo, na década de 1920 foram fundadas as confederações católicas do Recife e do Rio de Janeiro por iniciativa de Dom Sebastião Leme. As décadas que estavam por vir (especialmente a década de 1930) seriam palco da criação de distintas associações laico-religiosas, como os Círculos Operários, o Instituto Católico de Estudos Superiores, a Ação Universitária Católica e a Confederação Católica Brasileira de Educação. Sob a liderança de Dom Leme, a ACB pretendia desempenhar suas atividades sem qualquer influência político-partidária, atribuindo, assim, um caráter de neutralidade à Liga Eleitoral Católica, fundada em 1932, pelo menos em seu discurso.

Na condição de primeiro Programa Nacional, a ACB almejava estabelecer a participação do laicato católico no apostolado da Igreja “para difundir e promover a atuação dos princípios católicos na vida individual, familiar e social”. Além disso, seu papel também consistia em coordenar todas as associações e obras católicas já situadas no país, submetendo-as a uma orientação una.¹³

A conquista do laicato no Brasil emergiu tendo como referência o Centro Dom Vital, organização católica pequena, todavia de respaldo tanto nos meios culturais como religiosos na década de 1920. Esse Centro foi instituído em 1922 por Jackson de Figueiredo, que também criou a revista *A Ordem*.

Advogado, professor, jornalista, crítico, Figueiredo se tornou importante colaborador do cardeal Leme ao se converter ao catolicismo. Após sua morte em 1928, Alceu Amoroso Lima, crítico literário, professor e escritor, que tinha por pseudônimo Tristão de Athayde, assumiu até o início da década de 1940 passando a ser o novo líder da Ação Católica. Também colaborador do cardeal Leme, esteve ligado à direita católica e, nos anos 30, ajudou a formar a Liga Eleitoral Católica (LEC).

É de suma importância entender que Tristão de Athayde foi referencial ao se falar de Ação Católica. Sua imagem remete à liderança dos intelectuais leigos cristãos que militavam também politicamente. Outros intelectuais também participaram do Centro Dom Vital, dentre eles Hamilton Nogueira, Gustavo Corção, Plínio Correia de Oliveira, Sobral Pinto, Perilo Gomes Allindo Vieira e Jônatas Serrano.

Vale ainda ressaltar que o modelo de Ação Católica que foi disseminado no Brasil foi o italiano, o qual tomava as dioceses como núcleos básicos e relativamente autônomos dentro da

¹³ KORNIS, Monica. Op. cit., p. 23.

organização e coligava os associados segundo os critérios de idade e de sexo. Portanto, os bispos governavam suas respectivas dioceses incorporando os ramos paroquiais. Contudo, foi somente a partir de 1935 que “[...] a Ação Católica se consolidou e repercutiu seus estatutos por todos os bispos do país em suas referentes dioceses”.¹⁴ Com relação a esse modelo italiano, a Diocese de Limoeiro do Norte é um exemplo de tal padrão:

[...] Como nós, conheceis perfeitamente as grandes necessidades desta Diocese. Procurando solucioná-las, em parte, já iniciamos, e vão bem adiantados, os trabalhos do Ginásio Diocesano, que virá preencher uma lacuna na instrução jaguaribana. Com este estabelecimento queremos intensificar, em nossa Diocese, a percepção ruralista, retardando o mais possível, o êxodo da mocidade masculina para as capitais aonde vão buscar luz, porém onde, muitas vezes, queimam apenas as asas, como mariposas, nas chamas do vício ali mais difundido. [...].¹⁵

O trecho acima sugere a separação por gênero no que se refere à educação. As moças não poderiam estudar no futuro colégio, que estaria voltado somente para a educação dos jovens do sexo masculino. Não obstante, já havia no município a Escola Normal Rural, que contemplara o público feminino, inaugurada em 1938. Não se pode ignorar, porém, que a preocupação do bispo local se expressaria primeiramente pelos jovens do sexo masculino. Há de se considerar que a cultura cristã valoriza a figura masculina, no sentido de perceber o homem como “agente social” e a mulher como a administradora do lar, ficando tal afirmação explícita nas cartas pastorais do primeiro bispo Aureliano Matos.

Outra questão que não se pode deixar de abordar é o desejo de adiar o contato que o jovem teria com “o urbano”, compreendido como sinônimo de moderno e associado à noção de perdição e de maldade. O urbano afastaria o jovem de Cristo, já o rural o aproximaria, pois remeteria à natureza, criada por Deus e não pelos homens, como as tecnologias. O rural seria o idílico, a pureza, a essência do Cristo e a percepção do bem que conduziria o jovem a estar perto de Deus. Já o urbano proporcionaria a contaminação com o mal, induzindo o jovem à perdição, ratificando, portanto, o que já se vinha refletindo no que diz respeito ao discurso do bispo de que o moderno afastaria o homem de seu criador, induzindo-o a atender os desejos carnis.

Outro ponto interessante de se atentar é que a criação da Diocese em Limoeiro do Norte pode ser pensada como uma medida da Igreja Católica, um reflexo da neocristandade, materializada através do Projeto de Ação Católica tendo em vista as diretrizes, a expansão e a propagação do movimento, enfatizado por Pio XI.

¹⁴ Idem.

¹⁵ MATOS, Dom Aureliano. Segunda Carta Pastoral “Pedindo aos seus Diocesanos auxílio para construção do Seminário”. 1941.

O combate ao espectro comunista: A Igreja Católica e o autoritarismo em Limoeiro do Norte

Nos anos de 1940, ano em que o bispo Dom Aureliano Matos chega a Limoeiro do Norte, o Brasil vivenciava a Ditadura Vargasista. O autoritarismo, os discursos nacionalistas, patrióticos e anticomunistas compunham as relações sociais nos mais diversos aspectos socioculturais. Através da atuação da Igreja Católica, foi possível pensar como essas questões se materializavam nas vivências das pessoas nos interiores do país, permitindo-nos perceber como as lógicas estadonovistas se alinhavam aos interesses religiosos e vice-versa.

Concorda-se com Adriano Codato¹⁶ quando ele aponta as dificuldades que o Estado Novo teve para impor uma “unidade ideológica”. Entretanto, não se pode desprezar o papel da Igreja nesta tentativa ditatorial de controlar a nação. Os discursos da Igreja Católica estavam afinados com os do Estado ditador e, como destacou Reinhart Koselleck: “[...] *en los cada vez más complejos espacios de acción política, más importantes son las condiciones en las que se produce la comunicación lingüística, orientadas a conservar la capacidad de acción*”.¹⁷

Às oito horas da manhã de 1940, iniciou-se a sagração do Bispo. Nesse episódio, Dom Aureliano Matos se apoderou da palavra e proferiu um discurso¹⁸ de como Limoeiro do Norte deveria ser. A princípio, Dom Aureliano Matos não omitiu elogios ao Arcebispo Dom Manoel, ressaltando a sua importância como líder cearense. Aos limoeirenses, de início, falou do sacrifício que era o exercício do paróquiato. Não obstante, os espinhos da tarefa seriam amenizados quando desempenhada “entre um povo simples, obediente e amigo”.

Ressalta-se a dimensão política do discurso religioso. A política, como bem lembra René Remond, “não constitui um setor separado: é uma modalidade da prática social”¹⁹. E, como tratam inúmeras obras, a exemplo de *Sacralização da Política*, de Alcir Lenharo e *Ardil Totalitário* de Eliana Dutra, ao longo dos anos, ela tem encontrado subsídios e possuído íntima ligação com o “campo” religioso.

Numa sociedade em que a discordância era criminalizada, abordar a obediência e incentivá-la servia perfeitamente aos intuítos de um Estado que pretendia ter o controle social

¹⁶ CODATO, Adriano. Os mecanismos institucionais da ditadura de 1937: uma análise das contradições do regime de Interventorias Federais nos estados. **História**, Franca, vol. 32 no. 2, p. 189-208, jul./dez. 2013.

¹⁷ Nos espaços cada vez mais complexos de ação política, as condições nas quais a comunicação linguística ocorre são mais importantes, visando preservar a capacidade de ação. (Tradução livre). KOSELLECK, Reinhart. *Historia Social e Historia de los conceptos*. **Historias de conceptos**: estudios sobre semántica y pragmática del lenguaje político y social. Madrid: Editorial Trotta, 2012. 317 p. (Ciencias Sociales). Tradução de: Luis Fernández Torres. p. 15.

¹⁸ Cf. ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. A dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p.223-225.

¹⁹ REMOND, René (orgs.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 35.

integralmente. O pronunciamento pastoral corroborava com os valores ditatoriais ao convocar aos fiéis a se comportar de forma ordenada, constituindo-se, portanto, como um veículo insuspeito de introjeção do autoritarismo nas microrrelações. Logo, antes de qualquer demonstração de rebeldia dos novos seguidores, através da retórica da obediência, o bispo buscou conquistá-los, ou talvez constrangê-los, revelando o bom relacionamento que detinha com o rebanho antigo de Itapipoca²⁰.

A retórica da submissão não era um fenômeno novo para o Catolicismo. Um dos motivos que propiciaram o bom relacionamento entre a política do Estado Novo e o cristianismo católico foi o compartilhamento de uma rede de símbolos e concepções em comum. A Igreja pregava aquilo que o Estado queria que fosse enraizado no coração dos brasileiros. Em conformidade com esta questão, Aline Coutrot destaca:

[...] A crença religiosa se manifesta em Igrejas que são corpos sociais dotados de uma organização que possui mais de um traço em comum com a sociedade política. Como corpos sociais, as Igrejas cristãs difundem um ensinamento que não se limita às ciências do sagrado e aos fins últimos do homem. Toda a vida elas pregaram uma moral individual e coletiva a ser aplicada *hic et nunc*; toda a vida elas proferiram julgamentos em relação à sociedade, advertências, interdições, tornando-se um dever de consciência para os fiéis se submeter a eles. [...].²¹

Tal assertiva corrobora com a visão que o bispo Dom Aureliano Matos tinha acerca do seu ministério. Ele destacava que sua missão estava em cuidar da moral, da cultura e dos aspectos religiosos do povo.²² O papel de “vistoriar” os fiéis pretendia influir na maneira destes de perceber e se relacionar com o mundo, produzindo ecos nas escolhas políticas do que é certo e inaceitável, como aconteceu com o comunismo, bem como na própria maneira de vivenciar a experiência do Estado Novo.

A alocação do bispo prosseguiu evidenciando para os seguidores católicos que, apesar de não possuir nada, deixou tudo. Identificou que esse tudo, os bens que ficaram para trás, consistiria no bem moral e na boa convivência com os amigos, que mais valeria do que a prata e o ouro.²³ Perceba-se que a moralidade neste contexto está associada à docilidade diante de sua autoridade como sacerdote. O discurso como um ato de fala, lembra-nos John Pocock²⁴, pretende exercer influência em posicionamentos, concepções e formas do homem se relacionar no tempo.

²⁰ Município do interior do Estado do Ceará.

²¹ COUTROT, Aline. Religião e Política. In: REMOND, René (orgs). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 334.

²² Matos, Dom Aureliano. Op. cit., 1940.

²³ Idem.

²⁴ POCOCK, John Greville Agard. **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo: Ed. USP, 2003. p. 9.

Destarte, a Igreja Católica, como toda instituição, não sendo neutra, “possui sua eficácia própria, e suas consequências desequilibram e tumultuam as relações de forças. [...]”²⁵ Neste caso, ela pode ser vista como uma importante disseminadora dos princípios do governo do Estado Novo, em que se construiu uma relação de dupla troca, pois a própria ideia de moral cristã foi legitimada pelo Estado, por condizer e servir em parte com o discurso que validava as medidas de controle empregadas pelo mesmo e, por que não dizer por ambos, que unidos fabricaram um inimigo comum, o comunismo.

Vale salientar que esse período foi um momento em que a aliança com o Estado se constituía basilar para a Igreja como instituição. Afinal, mesmo que anteriormente ela já tivesse articulado estratégias²⁶ em prol de seu lugar na República, muito ainda precisava ser consolidado. Dessa forma, essa aliança com o Estado, que se estabeleceu principalmente a partir da década de 1930 no Brasil e, em especial na política do Estado Novo, reconfigurou questões que tinham se tornado entraves para a Igreja na transição do Império para a República.

Ainda compondo o primeiro pronunciamento aos discípulos limoeirenses, o bispo foi explícito em sua posição contrária aos ideais da modernidade e do cientificismo:

[...] Com menos conhecimentos científicos e sem o conforto trazido pelas descobertas e invenções modernas, muito mais felizes viviam, no entanto, os primeiros cristãos. É que melhormente conheciam Jesus Cristo. Nele tinham a fortaleza sem armas, a riqueza sem o ouro, a sabedoria sem a ciência, a alegria sem o mundo. [...]”²⁷

Similarmente ao Papa Leão XIII em sua encíclica *Rerum Novarum*, o bispo apreende as questões relativas à modernidade como prejudiciais à essência cristã, desenvolvendo, portanto, uma crítica ao capitalismo liberal. Assim, Dom Aureliano articulou um discurso pela retomada dos valores instituídos, como uma estratégia também para manter o controle social. Vê-se a demonização do conhecimento através da polarização fé e razão. Enquanto os ensinamentos se direcionavam contrários a um acúmulo de bens, na prática, para a diocese vir para Limoeiro, foram necessários duzentos contos de réis, reunindo oposições locais na corrida para conquistá-la.²⁸

Fazendo ainda jus ao mote do período, principalmente do início da década de 30, “Deus, Pátria e Família”, lema de Plínio Salgado²⁹, líder da Ação Integralista Brasileira, Dom

²⁵ REMOND, René. Op. cit., p. 25.

²⁶ Cf. CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis-RJ, 1994.

²⁷ MATOS, Dom Aureliano. Op. cit., 1940.

²⁸ Relatório encontrado no palácio episcopal em Limoeiro do Norte.

²⁹ Vale salientar que em 1937 havia a ausência de qualquer partido, até a AIB havia sido fechada. Contudo, percebe-se o lema vivo no discurso do bispo, ratificando-se a dimensão processual de como os sujeitos sociais lidaram com as ações tomadas pelo o Estado Novo.

Aureliano, orientou seu novo rebanho, destacando que a família é a base da sociedade, e o instruiu no que diz respeito aos lugares ocupados pelos cônjuges:

[...] Vem a civilização moderna e a família sofre as consequências mais tristes, Esfacela-se o lar. A esposa e mãe deixa o lar onde tem o seu trono de rainha e passa para as avenidas, para as fábricas, os empregos, acompanhadas, talvez, das filhas que já não encontram, em casa, atrativos nos trabalhos domésticos. Atitudes estas, a que geralmente são levadas [...], mas também têm a sua explicação, nas exigências de uma sociedade paganizada, a quem a todo custo querem servir. [...]³⁰

O novo pastor guiou suas ovelhas identificando as consequências que a modernidade inseriu no ambiente familiar que, como uma doença hereditária, passou de geração em geração, “filhas que já não encontram, em casa, atrativos nos trabalhos domésticos”. Em nenhum momento, o bispo foi discreto ao expressar seu descontentamento com a laicidade do Estado, entendida como sinônimo de sociedade paganizada, motivo de destruição das famílias.

Desconsiderando a rotina de trabalho das mulheres pobres nas áreas mais rurais por estas a conciliarem com as atividades domésticas, o discurso de Dom Aureliano Matos nos permite concluir que o incômodo não era a mulher trabalhar, mas onde ela iria trabalhar e principalmente se seria longe do marido. Como as atividades domésticas eram discursadas como transcendentais, o bispo representava o desgosto institucional com a possibilidade de a mulher trabalhar longe do marido, ou, talvez, não querer mais um marido, destacando o perigo para a sociedade do afastamento da mulher do lar como provável resposta à luta das mulheres por direitos, o que já vinha ocorrendo desde o início do século XX.

Ao continuar fazendo uma explanação sobre a família, destacou a importância de as crianças serem educadas em um colégio que não somente cuidasse do corpo, mas também da alma:

[...] Educando-a, são preferidos nos colégios em que mais se cuida do bem-estar do corpo que do da alma; e a instrução religiosa, a única que leva o homem a plena expressão de sua personalidade, é relegada para um plano inferior e secundário [...].³¹

Apesar de Igreja e Estado nesse período estabelecerem um diálogo próximo quanto à articulação discursiva, não se deve esquecer que, com a proclamação da República, o ensino passou a ser de responsabilidade do Estado e não mais da Igreja Católica. Portanto, esse trecho expressa, sobretudo, os ressentimentos da laicização da Educação.

Para Wilhelm Reich, a família constituía o microcosmos do Estado autoritário, porque possibilitava introjeções no que concerne às medidas de controle social, como esforço, trabalho

³⁰ MATOS, Dom Aureliano. Op. cit., 1940.

³¹ MATOS, Dom Aureliano. Op. cit., 1940.

e a submissão a autoridade³². A figura do pai representaria o líder do Estado. A este caberia cuidar, pois saberia o que era melhor para a “nação”, no caso. À população, como aos bons filhos, caberia a obediência. A essa perspectiva enquadra-se também a Igreja como importante instituição social que disseminou as concepções de controle do Estado em seu aspecto muito mais persuasor do que repressor, integrando o discurso do Estado no cotidiano dos indivíduos, instaurando percepções e modos de sentir.

A Igreja corroborou com o caráter conservador e autoritário bem querido pela elite local e pelo governo brasileiro. Neste sentido, o amor à pátria e a glorificação aos valores nacionais compuseram as narrativas do período de 1937, e o bispo professou:

[...] Um dos mais belos sentimentos que empolgam a alma do moço é o amor da Pátria. Com sangue quente que lhe ferve nas veias lavarás, se preciso for, a mancha com que o inimigo maculou o solo pátrio. [...] na juventude está a esperança da Pátria. [...].³³

O sentimento patriótico foi vinculado à ideia de não permitir a expansão comunista no país. É importante destacar que a emergência da Pátria, em especial na década de 1930, esteve associada ao projeto de reordenamento da sociedade aos moldes corporativistas – apoiando-se inteiramente na imagem orgânica do corpo humano, na tentativa de neutralizar possíveis focos de conflitos. O sentimento nacionalista incorporado ao discurso “teológico do poder”³⁴ é fruto desse momento, pois:

[...] Vem do Estado a única voz que fala em nome de todos os brasileiros. O homem comum, o cavalheiro dos salões, o operário, o comerciante, são descaracterizados socialmente para serem recuperados na perspectiva de uma identidade [...]. O poder apresenta, pois a nação como sua obra acabada, a dimensão orgânica de uma sociedade que supera as suas disparidades [...] ³⁵.

Os referenciais sociais elucubrados pelo o Estado permeavam o discurso religioso e era interessante para o mesmo este aspecto homogeneizador que o cristianismo Católico evocava, afinal todas as pessoas eram iguais perante a Deus. Assim, esse sentido uniformizador pregado pela a Igreja respondia à ideia de nação do Estado. Mas o bispo, voz da Igreja Católica, concebia que essa nação teria que ser Católica Apostólica Romana:

[...], mas, onde a juventude hodierna força para manter bem viva esta chama do patriotismo, quando na escola dos cinemas impúdicos, dos teatros imorais, dos livros desmoralizadores dos jornais ímpios, das revistas pornográficas, só encontra o micróbio da corrupção da raça, depauperando-a e corrompendo-a! [...] Só na escola de Cristo poderá ele aprender amar a Pátria, porque só nela este sentimento é puro e nobre. [...] ³⁶

³² LENHARO, Alcir. **A sacralização da política**. Campinas, SP: Papirus, 1986. p. 45.

³³ MATOS, Dom Aureliano. Op. cit., 1940.

³⁴ Este termo teológico não se refere ao discurso da teologia como campo de estudo, mas, sim, à figura do indivíduo que na sociedade limoeirense e do Vale do Jaguaribe possuiu o ato da enunciação em nome de um Deus.

³⁵ LENHARO, Alcir. Op. cit., 1986, p. 34-35.

³⁶ MATOS, Dom Aureliano. Op. cit., 1940.

A identificação com as concepções do regime podem também ser explicadas devido ao repúdio que a Igreja teve com relação à modernidade, embora o Estado não comungasse completamente neste aspecto, e, ao liberalismo, que, como mostra Velloso³⁷, foi objeto de justificação quanto aos “males” que sobrevinham ao país: “[...] a partir da prática liberal que os doutrinadores do regime explicam todos os males que se abateram sobre o país.”.

O bispo claramente está dizendo que o governo só conseguiria alcançar seus objetivos se Cristo fosse o guia para essa sociedade. E quem é que detinha os ensinamentos de Cristo, senão a Igreja? É ela que, à luz da palavra do Cristo, podia orientar e instigar o genuíno patriotismo nos jovens cidadãos, por exemplo. Assim, ele queria conduzir todos aqueles que, porventura ou não, estavam escutando ou escutariam o seu sermão, a pensar a Igreja como uma instituição atemporal, ultrapassando circunstâncias contextuais, fazendo-se necessária em todas as épocas, mostrando que para cada realidade ela tinha sua posição e era um agente imprescindível ao bem da dinâmica do social. Para o episcopal, a resposta para todas as degradações provocadas pela modernidade na sociedade estava na Ação Católica, por isso, segundo ele:

[...] A temperatura que se desencadeou, vem, como vimos, solapando todas as camadas sociais. Em todos os setores encontra-se o gérmen da dissolução, com mais ou menos desenvolvimento. A defesa deve ser na altura do ataque; o remédio na proporção do mal. Eis porque os Santos Padres, particularmente os Padres Pio XI e o atual Pio XII, com uma visão nítida e perfeita do momento que o mundo atravessa e, medindo a gravidade do mal que se alastra, procuraram organizar uma defesa eficiente, ou melhor, uma ofensiva eficaz. Apela não só para seu clero – soldados sempre em postos avançados, mas para todas as reservas católicas; para todas as camadas sociais, desde a criança nos bancos escolares, até a velhice no retraimento que a idade lhe impõe; desde a mulher no verdor dos anos, até a mulher com a responsabilidade de um lar, para numa afirmação de fé, com uma organização completa trabalharem na defesa da Fé e da moral, conservando os frutos abençoados que nos legou o sangue de Jesus Cristo; numa palavra, organizaram a Ação Católica [...].³⁸

Retomamos aqui de forma mais completa o trecho abordado no início dessas reflexões por ser ele emblemático no que diz respeito à interpretação do bispo, pautada à luz da Igreja Católica, sobre a conjuntura da época. O que vem solapando todas as camadas sociais? O que ou quem é esse gérmen da dissolução? O que ou quem é esse mal em que a Igreja deve atuar como remédio?

³⁷ VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO; Lucília de Almeida (org.). **O Brasil Republicano: O tempo do nacional estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo Segunda República (1930-1945)**. Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 154.

³⁸ MATOS, Dom Aureliano. Op. cit., 1940.

Dom Aureliano Matos, assim como toda a Igreja Católica, teceu um discurso anticomunista, corroborando com o governo Vargas, embora tanto um quanto o outro tivessem motivações distintas. O comício do dia 5 de julho de 1935, organizado pela Aliança Nacional Libertadora (ANL), no qual Prestes lia seu manifesto revolucionário, foi capciosamente impedido pelo governo, fato que gerou um clima de tensão manipulado, em especial, pelos poderes vigentes.

Como problematiza Eliana Dutra³⁹, “[...] esse clima foi fortemente manipulado por segmentos do poder ligados às hostes governistas, e a opinião pública se viu defrontada com o fantasma do comunismo que se tornaria real de fato [...]”. A autora ainda esclarece sobre os sentimentos contrastantes da sociedade brasileira da segunda metade dos anos de 1930 com relação ao comunismo: “[...] É fato que a revolução, comunista, é o grande tema mobilizador dos desejos, das aspirações, das energias e também dos temores e dos rancores que envolvem as vivências da sociedade brasileira na passagem para a segunda metade dos anos 30. [...]”⁴⁰ Em meio a essas contradições, é interessante se atentar para a seguinte questão: a necessidade de falar do outro para falar de si mesmo.

O fragmento acima, discursado por Dom Aureliano, deixa isso bastante evidenciado. Primeiramente, o bispo apresenta a seus fiéis o “inimigo perigoso”, referindo-se ao comunismo como gérmen, como mal, traçando imagens para figurá-lo, para depois apresentar a Igreja como remédio, a solução. “A figura do inimigo é essencial. Ela serve para fornecer ao povo a consciência de sua unidade e, ao poder que conduz o combate, a legitimidade”.⁴¹

Outra questão bastante pertinente diz respeito à conexão feita do inimigo com o mal interpretado como doença. Vargas pensava o comunismo como uma doença, tendo em vista a ideia do intelectual católico Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) de “diagnóstico”, compondo, assim, o discurso anticomunista, como esclareceu Eliana Dutra. As imagens do comunismo, contudo, não foram associadas apenas ao plano biológico e físico; partiram, também, para imagens de praga, flagelo e peste, coligadas às figuras religiosas, como discutiu Rodrigo Patto Sá Motta⁴².

³⁹ DUTRA, Eliana de Freitas. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997. p. 36.

⁴⁰ Idem, p. 34-35.

⁴¹ Ibidem, p.41.

⁴² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. 2000. 312 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Cap. 3.

O comunismo foi construído como uma doença e um mal externo, um agente estranho, alinhando-se seu repúdio a lógica nacionalista. Como sujeito discursivo construído e construindo com textos, intertextos e entre textos, Dom Aureliano Matos forja e imprime as lógicas estadonovistas pretendendo administrar as sensibilidades dos católicos locais.

O comunismo era a enfermidade e a Igreja logicamente era o remédio, pois somente em Cristo se poderia ter um coração genuíno, um amor autêntico pela pátria e se obteria vitória contra o mal. O bispo apresentou o comunismo ao rebanho limoeirense – e, por conseguinte, todo o Vale do Jaguaribe – como agente antagônico ao cristão fidedigno, “gérmen da dissolução”, isto é, o comunismo era o micróbio que pervertia os costumes, era desregrado, licencioso, negava e afastava os verdadeiros cristãos dos princípios do “Altíssimo”.

É interessante perceber a uniformidade dos discursos implantados na sociedade do fim década de 1930 e primeiros anos de 1940. Ao se comparar as passagens da retórica de Dom Aureliano Matos e os trechos selecionados do trabalho de Dutra, perceberam-se as intersecções destes. Nesse sentido, pode-se afirmar que a Ação Católica foi apresentada pelo bispo como a cura para todas as mazelas que eram inerentes à sociedade moderna, incluindo o mal, vinculado, muitas vezes, como sinônimo do comunismo.

A Igreja, centralizada na pessoa do bispo Dom Aureliano Matos, percebeu-se como comandante da batalha diante do mal que se alastrou e, por essa razão, reivindicava o papel de recrutar a todos. Com a mesma linha de raciocínio, pensada por Pio XI na encíclica *Ubi Arcano Dei*, o bispo jaguaribano propôs a solução para a restauração da paz na sociedade, que para ele estava tão desorientada e desordenada pela modernidade.

Deve-se compreender que a Ação Católica foi uma resposta à sociedade laica, moderna. Como reflete Dominique Julia, “[...] as mudanças religiosas só se explicam, se admitirmos que as mudanças sociais produzem, nos fiéis, modificações de ideias e de desejos tais que os obrigam a modificar as diversas partes de seu sistema religioso [...]”⁴³. Semelhantemente a Dominique, Mainwaring declara:

[...] A ideia básica da análise institucional é que podemos compreender as mudanças nas instituições como uma tentativa de defender seus interesses e expandir sua influência. A organização muda principalmente porque seus interesses a obrigam a mudanças que estejam de acordo com as transformações da sociedade como um todo. [...].⁴⁴

⁴³ JULIA, Dominique. *A religião: História religiosa*. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs.). **História; novos objetos, novas abordagens, novos problemas**. 3V. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 106.

⁴⁴ MAINWARING, Scoot. Op. cit., p. 17.

Acredita-se não somente nos fiéis, mas, principalmente, nas lideranças religiosas. Assim, produziu-se um desejo de recompor sua influência no social diante das transformações na maneira de se organizar e perceber os múltiplos setores da sociedade. Para isso, a Igreja disputou com outras forças políticas e reconsiderou seu próprio “regimento interno”.

Como instituição, ela não aceitava a perda nas disputas pelo poder instauradas pela República. A ditadura Vargas foi uma oportunidade para estabelecer novos vínculos e espaços de atuação.

Também é interessante pensar que a conquista da Igreja, ambicionada pelo desejo de poder, não se caracterizou apenas no âmbito do institucional, mas, como lembrou Michel Foucault⁴⁵, as relações de poder mostram-se em todo lugar, em todo corpo social. E uma Igreja jamais seria legítima sem a defesa de seus fiéis.

Destarte, reconquistar aqueles que perderam a identificação com sua doutrina, reaver sua soberania, tanto no que diz respeito à sua relação com o Estado, como com a sociedade em sua integralidade, foi principalmente um ato político para a garantia de sua sobrevivência como instituição.

Protegendo os jovens e trabalhadores da influência marxista? A Ação Católica Especializada em Limoeiro do Norte.

[...] Assim é que quando zona jaguaribana foi agraciada com uma Diocese, recebeu não só as vantagens daí decorrentes, mas ainda as obrigações que lhes são inerentes, assumindo, embora tacitamente, um compromisso para com elas. [...].⁴⁶

Um dos pronunciamentos oficiais de Dom Aureliano após sua chegada à Limoeiro do Norte foi sobre a criação de um seminário. Segundo o primeiro bispo da Diocese jaguaribana, para além de essa obra ser necessária, por ser o local “de formação dos oficiais da milícia do Senhor”, esse novo empreendimento teria sido uma exigência do Papa Pio XI: “[...] Criando a Diocese de Limoeiro pela Bula *Ad Dominicum* impôs, logo, o Santo Padre Pio XI a fundação de seu seminário. [...]”.⁴⁷ Pode-se pensar que a construção de um Seminário local visava, cada vez mais, ao fortalecimento da Igreja e de seus projetos.

Nessa Carta, o bispo fez o comunicado acerca da edificação de um Ginásio Diocesano para instruir os rapazes da região, ilustrando sua preocupação com a formação do laicato, por se constituir este o propagador do evangelho cristão em outros espaços. É necessário lembrar

⁴⁵ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 24.ed. São Paulo: Edições Graal, 2007a.

⁴⁶ MATOS, Dom Aureliano. Op. cit., 1940.

⁴⁷ Idem, 1940.

que ambos, tanto os seminaristas como os leigos convertidos, eram fundamentais para “fundar e difundir” a Ação Católica idealizada pelo o primeiro bispo desde a sua chegada.

O bispo não escondia o seu intuito ao propor e ao anunciar a fundação deste estabelecimento. Para ele, o melhor para os jovens de Limoeiro do Norte e distritos ligados era ir o mais tardiamente possível para as capitais, lugar da modernidade apóstata. A edificação do Ginásio Diocesano está completamente alinhada às pretensões de Roma e já difundidas e estabilizadas na Igreja Católica Brasileira. Esse colégio seria mais um meio de doutrinar os jovens quanto ao seu posicionamento ante a sociedade, formando-se ali, posteriormente, mais especificamente na década de 1950, a Juventude Estudantil Católica (JEC), tendo como figura central o diretor Pe. Pitombeira:

[...] A Juventude Estudantil Católica também tinha uma formazinha de ser: Chamava-se JEC [...] bem... nasceu quando eu entrei na direção do Colégio Diocesano em 1952. Me ordenei e logo no outro ano, 53, eu comecei a trabalhar aí no Colégio. Depois de alguns anos, nós aí organizados num grupo muito bom, inclusive um deles hoje é um dos melhores filósofos brasileiros, professor de filosofia na universidade federal que é o padre Manfredo de Oliveira. E esse grupo tinha certa influência nos estudantes que eles faziam movimentos, passeatas que deram uma certa noção de como os estudantes são. [...].⁴⁸

Esses estudantes passaram, portanto, a disseminar em seu meio os princípios da Igreja. O Pe. Pitombeira rememorou que as passeatas serviam justamente para mostrar aos outros estudantes de Limoeiro que não comungavam, ou que ainda não tinham sido informados, da existência do mesmo, isto é, “que havia um movimento nesse sentido”.⁴⁹ A narrativa do Pe. Pitombeira nos conduz a refletir acerca da existência de uma sociedade que não estava totalmente adepta aos princípios difundidos pela Igreja Católica através de seu Bispo.

No decorrer da entrevista, Pe. Pitombeira expôs que as reuniões realizadas no colégio Diocesano contavam com a presença de dez a quinze jovens: “a gente discutia o que era que os jovens podiam fazer no meio dos outros para dar uma orientação no sentido do que é que a Igreja pensava, o que é que a Igreja ensinava. E também pra eles agirem socialmente, né?” Era a Igreja “construindo outros altares” e se estabelecendo em meio a uma sociedade laica. Para isso, ela foi contra a tudo o que, a seu ver, ameaçava sua supremacia.

Os jovens do colégio eram orientados, em especial, pelo Pe. Pitombeira e por alguns professores: “Tinham um ou outro professor, né? Mas a influência maior mesmo era do diretor. Naquele tempo o diretor era quase um ditador, né? (risos).”⁵⁰

⁴⁸ Entrevista realizada com o Padre Francisco de Assis Pitombeira, 82 anos em 02/05/11.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Ibidem.

Indagado sobre contra o que a Igreja pregava e contra o que ele advertia aos moços, Pe. Pitombeira pronunciou a seguinte resposta: “Da influência marxista comunista.” A Igreja, portanto, fazia questão de difundir um discurso de oposição ao comunismo, temendo que a instauração de tal regime viesse fazer estremecer sua dimensão institucional.

Com base nos escritos de Karl Marx, que anunciava a religião como “o ópio do povo,”⁵¹ se construiu um conjunto de imagens e retóricas maniqueístas. Segundo Scott Mainwaring, “a expansão do comunismo era vista como um sinal de decadência da cultura católica e dos valores tradicionais. Ela também indicava a necessidade da Igreja se implantar mais firmemente na sociedade.”⁵²

É importante ressaltar que a JEC foi fruto de uma reordenação interna da ACB. Após a morte do cardeal Leme, em 1942, a ACB foi assumindo outras configurações, isto é, passou a se inspirar nos princípios pregados pelo padre belga José Cardjin, que acreditava que uma “revolução” espiritual só aconteceria se aliançada, concomitantemente, às profundas mudanças no ambiente em que os indivíduos viviam e trabalhavam.

Destarte, a Ação Católica Brasileira, em especial na década de 1950, espelhou-se nos moldes “francês, belga e canadense, que reduziam radicalmente a importância das paróquias e dioceses e abandonavam o critério de filiação por idade e sexo”⁵³, assumindo uma postura de formação dos grupos que representassem prioritariamente os diversos segmentos da sociedade.

A partir da década de 1950, não somente em Limoeiro do Norte, mas também em todo o Brasil, a ACB recebeu mais um codinome, passando a ser denominada como Ação Católica Brasileira Especializada, ou, como ficou mais conhecida, Ação Católica Especializada, devido ao fato de ter procurado se adequar às realidades vivenciadas pelos sujeitos:

[...] porque você tem que entender que houve **uma Ação Católica Geral, no tempo de Pio XI**, e houve depois **uma Ação Católica mais especializada**, por exemplo, Limoeiro [...] **hospedou o primeiro encontro nacional da Juventude Agrária Católica**, [...] isso aí **por causa de Dom Falcão**, [...] **ele deu um empurrão para tudo que foi renovação**, [...] **da Ação Católica antiga**, Dom Aureliano promoveu com o Pe. Misael, toda Ação Católica antiga, né, e esse aí já promoveu a Ação Católica especializada e, por exemplo, Pe. Pitombeira também, vocês podem até conversar com ele sobre a Ação Católica especializada, JEC, Juventude Estudantil Católica, né, [...] era mais justamente tentar viver como cidadã, como cristão no interior né, ser fermento na massa, se não no fundo no fundo você volta ao evangelho eles são sal da terra, luz do mundo, fermento na massa, então no meio rural como é que agente pode influenciar é claro que indiretamente você influencia só no meio rural [...] é como Juventude Estudantil, você tem o Ariosto, o Padre Manfredo tudo foram embora né, tiveram aquele fermentação no colégio, a JIC, JUC, Juventude Universitária, Juventude Independente e JOC, funcionava mais na cidade, então é fazer o trabalho

⁵¹ MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **O Manifesto do Partido Comunista**. Disponível em <<http://www.culturabrasil.org/manifestocomunista.htm>>. Acesso em: 06 jul. 11.

⁵² MAINWARING, Scoot. Op. cit., p. 56.

⁵³ KORNIS, Monica. Op. cit., p. 23.

de evangelização [...] **de acordo com os meios, já é justamente a setorização não dá para pegar a massa, antes era a massificação, aí começou a se pensar que a Igreja não era uma massa, mas justamente um conjunto de setores [...].**⁵⁴

O fragmento acima permite concluir que os Círculos Operários Católicos (COC), a União dos Moços Católicos (UMC) e a Liga Eleitoral Católica (LEC) foram ações da Igreja Católica pertencentes à primeira fase, embora alguns não tenham desaparecido com a Ação Católica Especializada. Deixa explícito, ainda, o que o novo modelo de Ação Católica diferia do anterior.

Em seu depoimento, Pe. João Olímpio deixou claro que a “estratégia” da Ação Católica Especializada era primar em discursar e agir de acordo com as compartimentalizações sociais, para que, por meio de seus ensinamentos, pudesse estabelecer um “monitoramento”, tanto no que concerne aos aspectos das atitudes individuais, quanto na perspectiva de organização interna dos grupos, além do seu posicionamento ante as inquietações sociais.

Tomando seu depoimento como referência podemos inferir, ainda, que a Juventude Agrária Católica Feminina (JACF) foi, do ponto de vista de sua repercussão, o movimento que mais se sobressaiu em Limoeiro do Norte.

[...] Cumpre citar, igualmente, que atendendo a um desejo do Secretário Nacional da JACF, será também levada a efeito, nesta cidade, de 1 a 4 de dezembro, a 1ª Semana Nacional de Assistentes e Dirigentes Jacistas. Sendo esta Diocese uma das primeiras a iniciar este movimento de Ação Católica, junto à juventude rural, esta escolha, que tanto nos honra, constitui um estímulo para que continuemos a trabalhar sem desfalecimento nesta patriótica missão que, se bem comprometida e executada, trará, em parte, a redenção dos campos [...].⁵⁵

Tecendo um jogo da retórica, o bispo Aureliano Matos apresenta “sua” Diocese como a precursora, a mobilizadora, já como uma forma de legitimar o fato de esta sediar tal acontecimento, para ele tão renomado. Recepcionar a semana da JACF, na escala nacional, indica o quanto a Ação Católica Especializada em Limoeiro do Norte agiu e interagiu ativamente:

[...] Há um crescimento, um dinamismo da Igreja, de tal maneira que essa coisa era assim e Dom Falcão, então como estava muito entusiasmado e era do interior foi convidado para ser assessor nacional, mas o bispo não deixou Dom Aureliano não o queria perder, certamente, né, mas aí o cardeal Sales, nesse tempo era bispo de Natal, conseguiu trazer o primeiro Encontro Nacional, né, da JACF, tá certo? Pra Limoeiro e ele veio também, [...] e foi em Limoeiro de 1º a 4 de Dezembro [...]. O pessoal da JACF, devia ser a Nozinha, minha prima, Conrado [...] masculina não devia ter muita, sempre a dificuldade dos homens parece que não tem alma, né. Então eu era sabia das coisas, é tanto que no encerramento desse movimento nacional, eu ajudei ao Falcão numa celebração na Escola Normal né, eu tava no Seminário, não participava, mas

⁵⁴ Entrevista realizada com o Padre João Olímpio Castelo Branco, 72 anos, em 14 abr. 11. Grifos nossos.

⁵⁵ Quarta Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos. “Comunicado aos seus Diocesanos a realização, de 4 a 8 de dezembro de 1954, do primeiro Congresso Eucarístico Diocesano, Comemorando o Centenário do Dogma da Imaculada Conceição e em preparação ao Congresso Eucarístico Internacional de 1955.” 1954.

ficava sabendo das coisas assim, ele trazia as ideais para a gente, mas era mais ele lá [...].⁵⁶

Dom José Freire Falcão foi referenciado por todos os narradores como o dirigente da Ação Católica Especializada. No trecho acima, fica evidente sua participação ativa. O mais intrigante é que, na Ação Católica “Geral”, a memória dos entrevistados destaca os leigos, colocando-os “no lugar de destaque”. O próprio Padre João Olímpio enfatizou a atuação do leigo Meton Maia e Silva, vice-presidente da União dos Moços Católicos,⁵⁷ funcionário do IBGE e redator de jornais para a comunidade.

Na Ação Católica Especializada, o foco maior foi atribuído à figura eclesiástica de Dom Falcão, apesar de nomes como Nozinha, Elisiomar, sobrinha de Judite Chaves⁵⁸ e Custódio Chaves, prefeito de Limoeiro do Norte nos anos de 1930 e 1940, (esposo da senhora Judite), terem sido mencionados.

Segundo Pe. João Olímpio, a JACF defendia:

[...] o desenvolvimento humano cristão no meio rural, viver como cidadão, como cristão no interior né, ser fermento na massa, Sabendo que o êxodo rural já estava começando [...] mas enquanto se está no ninho, vamos formar a consciência cristã, era nesta linha, do povo do campo, começando pelos jovens, sobretudo pelas mulheres, os rapazes são mais difíceis. Então esse povo que foi formado foi fermentando por aí, foi para Brasília, pro Rio, então levava aquela formação aquela visão crítico-cristão, porque geralmente a Ação Católica foi muito assim fazer a inculturação da fé, fé e vida [...] no fundo, no fundo é ser cristão, ser cristão não é ser batizado, ser cristão é ser irmão, aí você vai ser cristão sendo irmão no seu meio, agrário, universitário, independente, operário, né. No fundo era essa mensagem que a Ação Católica queria passar, ser sal e luz no meio. [...] O padre Manfredo, meu primo, hoje grande filósofo, foi aluno do Pe. Pitombeira no Colégio Diocesano, Ariosto, aluno do Pe. Pitombeira e do Dom Falcão e outras pessoas, né, que foram alunos lá [...] então eles levaram dentro do bolso, alguma coisa foi. [...].⁵⁹

Mesmo com uma memória marcada pela confluência de tempos que perpassam as lembranças de cada indivíduo, Pe. João Olímpio expõe não somente a proposta da Ação Católica na década de 1950, mas também seus reflexos na dinâmica do século XX, das pastorais da juventude do Brasil, que são, em sua maioria, fruto desse processo.

A Juventude Operária Católica (JOC) foi outro movimento da Ação Católica Especializada. Segundo Pe. Pitombeira:

[...] Quem trabalhou muito nisso aqui foi o padre Falcão que depois foi bispo, cardeal de Brasília... ele tinha através da Juventude Operária Católica, a JOC. Ele chamou

⁵⁶ Entrevista realizada com o Padre João Olímpio Castelo Branco, 72 anos em 14 abr. 2011.

⁵⁷ A União dos Moços Católicos em Limoeiro do Norte foi fundada em 1936 e filiada à de Fortaleza. Seu diretor espiritual foi o Pe. Manuel Caminha Freire, tendo como presidente o leigo Afonso Ferreira Lopes e vice-presidente Meton Maia e Silva. Atuou de acordo com a concepção da Ação Católica Geral, que agia mais focalizada em organizar os grupos por gênero e não por área de atuação.

⁵⁸ A família Chaves é emblemática para se pensar as relações sócio-políticas da cidade devido à monopolização das instituições.

⁵⁹ Entrevista realizada com o Padre João Olímpio Castelo Branco, 72 anos em 14 abr. 2011.

várias vezes é para falar, dar orientações para a Juventude Operária Católica. Dom Falcão foi quem fez esse trabalho aqui na cidade de Limoeiro. Nesse tempo ele era também professor do colégio é [...] a JOC, se deve a ele a organização do trabalho. [...].⁶⁰

A JOC foi fundada em 1923 pelo eclesiástico belga Joseph Cardjin, procedente do operariado. Desde a sua formulação, o seu meio atuante eram os operários da camada urbana. Contudo, os primeiros grupos da JOC só se aparelharam a partir de 1935, tornando-se mais relevantes na década de 1940, haja vista o fato de a ACB, nessa década, já estar com os seus estatutos mais disseminados por todo o Brasil:

[...] O papa Pio XI havia lamentado que o maior escândalo do século XIX tivesse sido o fato da Igreja ter perdido a classe operária, e Pio XI e Pio XII viam a reconquista dessa classe como um objetivo prioritário. [...] Um das principais expressões disso consistia na crença de que a classe trabalhadora era religiosamente ignorante e de que a Igreja precisava implantar uma fé mais madura. [...] A JOC não foi a única tentativa de cristianizar a classe operária brasileira. Outro movimento, os Círculos Operários precedeu a JOC [...].⁶¹

É importante lembrar que a JOC não é diferente dos Círculos Operários Católicos quanto ao discurso contrário ao comunismo. A maior preocupação dos papas anteriormente mencionados era a de reconquistar o operariado, firmar-se em meio a ele para que *os agitadores comunistas* não ganhassem espaço.⁶²

Não ficou claro, no entanto, se, em Limoeiro, a JOC só foi estabelecida em 1950 ou na década anterior. A respeito de suas ideias e sua execução, Pe. Pitombeira declarou:

[...] Defendia os direitos dos operários perante os patrões, mostrava o pensamento da Igreja a respeito das organizações operárias, eram fundamentalmente, era isso; que cada vez mais fazia com que surgissem e fossem aproveitados líderes entre os operários para que eles pudessem cada vez mais estender uma influência do pensamento social da Igreja no meio da juventude operária [...] Era os direitos dos operários com relação a salário e também para evitar influência comunista, né? Era mais ou menos isso, era uma coisa ainda muito rasteira se a gente pode dizer. Mas o certo é que esse grupo da JOC chegou a participar de reuniões de reuniões em Fortaleza... o que eles obtiveram, assim, de resultados... tudo isso foi abafado depois quando voltou à ditadura. [...].⁶³

O fragmento acima corrobora com o que se discorreu a respeito de “ganhar” os trabalhadores e combater o expansionismo comunista. Não obstante, há de se salientar que a cidade de Limoeiro do Norte era predominantemente agrária nos anos de 1950. Portanto, houve uma releitura e uma adaptação à realidade local.

A memória do padre privilegiou as expressões das encíclicas europeias e o cumprimento de seus deveres diante da instituição muito mais do que as vivências.

⁶⁰ Entrevista realizada com o Padre Francisco de Assis Pitombeira, 82 anos em 02 mai. 2011.

⁶¹ MAINWARING, Scoot. Op. cit., p. 141.

⁶² Idem, p. 143.

⁶³ Entrevista realizada com Francisco de Assis Pitombeira, 82 anos em 02 mai. 11.

Diferentemente da JEC, na qual as passeatas foram apontadas como expressões de ações para a conquista de novos leigos, a JOC nos pareceu ser uma medida antecipada caso despontasse a industrialização na cidade e uma maneira de se fazer presente no meio dos comerciantes e camponeses. Nesse sentido, é certo que a adesão em Limoeiro do Norte, bem como a efetivação dessas “alianças”, ocorreu de forma atípica no município:

[...] Eram católicos do Brasil, certo? Havia em todo o Brasil. E a influência chegou até aqui a Limoeiro, especialmente pela atuação de Dom Falcão, do padre José C. Falcão. Foi ele, realmente o personagem central da parte da Igreja na organização do operariado [...].⁶⁴

Tendo como pedagogia ver, julgar e agir, a JOC, em sua concepção, expressava preocupação com os aspectos sociais. De acordo com Mainwaring, na década de 1950, a JOC tinha, primordialmente, um caráter e atuação mais sacramental do que político. Somente a partir do final da década de 1950 foi que a JOC assumiu uma posição mais “politizada”. Em Limoeiro do Norte, foi difícil saber até que ponto a JOC atuou. Assim, deixa-se mais essa lacuna para outros pesquisadores ou para futuras pesquisas.

Considerações Finais

Examinamos a Ação Católica em Limoeiro do Norte, interior do Ceará, em dois momentos. No primeiro cenário, temos um Catolicismo que encontra, no regime ditatorial varguista, os valores que fortaleceram sua posição institucional. Estado e Igreja estão alinhados em nome da manutenção do poder e esta pode ser entendida como um dos principais aparelhos disseminadores da Ditadura Varguista no interior do Ceará.

Assim, o modelo italiano de Ação Católica ratificou as lógicas sexistas, antilaicistas, conservadoras, autoritárias e nacionalistas. O lema integralista sobrevivia como forma de unificar a sociedade, ressoando muito bem em Limoeiro do Norte pela forte experiência integralista da comunidade, como bem explicou o historiador João Rameres Régis.

Em um segundo momento, já em vivência democrática, a Ação Católica Especializada assumiu um caráter mais preocupado com os direitos sociais. No caso de Limoeiro do Norte, o espectro comunista era o legitimador das ações tomadas pela Igreja tanto no regime ditatorial como democrático. Ao questionar os entrevistados sobre quantos comunistas eles conheciam na cidade, a resposta unânime foi nenhum. Mesmo assim, vivia-se em combate ao comunismo, como uma forma de afirmar, sobretudo, a necessidade da Igreja como instituição.

⁶⁴ Idem.

Deste modo, os comunistas não apenas “existiram” em Limoeiro do Norte, mas foram extremamente eficazes para o funcionamento de discursos e medidas da Igreja que visavam não somente a assegurar o lugar ocupado, mas, acima de tudo, a reconquista do prestígio e dos espaços sociais ameaçados com a laicidade.

Referências

Fontes

Entrevista realizada com Francisco de Assis Pitombeira, 82 anos em 02/05/11.

Entrevista realizada com o Padre João Olímpio Castelo Branco, 72 anos em 14/04/11.

Encíclica Papal *Rerum Novarum*. (Papa Leão XIII). Disponível em: <www.papalencyclicals.net/.../P11ARCAN.HTM>. Acesso em: 28 abr. 2010.

Encíclica Papal *Ubi Arcano Dei*. (Papa Pio XI). Disponível em: <www.papalencyclicals.net/.../P11ARCAN.HTM>. Acesso em: 28 abr. 2010.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **O Manifesto do Partido Comunista**. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/manifestocomunista.htm>>. Acesso: em 06 jul. 2011.

Primeira Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos. Saudando os seus diocesanos. 1940.

Quarta Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos. Comunicado aos seus Diocesanos a realização, de 4 a 8 de Dezembro de 1954, do primeiro Congresso Eucarístico Diocesano, Comemorando o Centenário do Dogma da Imaculada Conceição e em preparação ao Congresso Eucarístico Internacional de 1955. 1954.

Relatório encontrado no palácio episcopal em Limoeiro do Norte.

Segunda Carta Pastoral de Dom Aureliano Matos. Pedindo aos seus Diocesanos auxílio para construção do Seminário”. 1941.

Bibliografia

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. A dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tânia Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. pp. 223-249.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis-RJ, 1994.

CHAVES, Cintya. **A elite política e o poder local cearense em questão: estratégias e discursos para novos espaços de atuação (1934-1974)**. 170 f. Dissertação (Mestrado em História e Culturas). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

CODATO, Adriano. Os mecanismos institucionais da ditadura de 1937: uma análise das contradições do regime de Interventorias Federais nos estados. **História**, Franca, vol.32 no.2, p. 189-208, July/Dec. 2013.

COUTROT, Aline. Religião e Política. In: REMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. pp. 331-358.

DUTRA, Eliana de Freitas. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 24.ed. São Paulo: Edições Graal, 2007a.
- GOMES, Francisco José. Silva. Ação Católica. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira; MEDEIROS, Sabrina Evangelista; VIANNA, Alexander Martins. (Org.). **Dicionário Crítico do Pensamento de Direita**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2001, v. , p. 28-29.
- JULIA, Dominique. A religião: História religiosa. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (org.). **História: novas abordagens**. 3V. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. pp. 106-131.
- KORNIS, Monica. Ação Católica Brasileira. In: ABREU, Alzira Alves de [et al.]. **Dicionário histórico-biográfico brasileiro Pós-1930**. Vol. I. Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. pp. 23-24.
- KOSELLECK, Reinhart. História Social e Historia de los conceptos. **Histórias de conceitos: estudos sobre semântica y pragmática del lenguaje político y social**. Madrid: Editorial Trotta, 2012. 317 p. (Ciencias Sociales). Tradução de: Luis Fernández Torres. p. 15.
- LENHARO, Alcir. **A sacralização da política**. Campinas, SP: Papyrus, 1986.
- MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. Trad. Heloísa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no brasil (1917-1964)**. 2000. 312 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Cap. 3.
- POCOCK, John Greville Agard. **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo: Ed. USP, 2003.
- REGIS, João Rameres. **Galinhas Verdes: memórias e História da Ação Integralista Brasileira em Limoeiro do Norte – Ceará (1934-1937)**. 174 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.
- REIS, Edilberto Cavalcante. Levantai-vos soldados de Cristo: a Igreja Católica no Ceará e a eleição para a constituinte de 1891. In: **Trajetos**. Revista do Programa de Pós- Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará .). Fortaleza, v. 5, n. 9/10, dez. 2007. p. 205-229.
- REMOND, René (orgs). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- ROMANO, Roberto. **Brasil: Igreja contra Estado**. São Paulo: Kairós Livraria e Editora, 1979.
- SANTOS, Jovelina Silva. **Círculos Operários no Ceará: instruindo, educando, orientando, moralizando - (1915-1963)**. 267 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO; Lucília de Almeida (org.). **O Brasil Republicano: O tempo do nacional estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo Segunda República (1930-1945)**. Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. pp. 146-179.